

BERNOULLI COLÉGIO E PRÉ-VESTIBULAR



http://www.colegiobernoulli.com.br/bernoulli_resolve/

Filosofia – Questão 01

Leia este trecho:

Ouvi dizer a um homem instruído que o tempo não é mais que o movimento do sol, da lua e dos astros. Não concordei. Por que não seria antes o movimento de todos os corpos? Se os astros parassem e continuasse a mover-se a roda do oleiro, deixaria de haver tempo para medirmos suas voltas? [...] Ou, ao dizermos isto, não falamos nós no tempo, e não há nas nossas palavras sílabas longas e sílabas breves, assim chamadas, porque umas ressoam durante mais tempo e outras durante menos tempo?

SANTO AGOSTINHO. *Confissões* (Livro XI: O Homem e o Tempo). Tradução de J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 286.

Nesse trecho, o autor argumenta contra a identificação do tempo ao movimento dos astros.

APRESENTE o argumento proposto por Santo Agostinho.

RESOLUÇÃO:

Segundo Agostinho, o tempo não pode ser o movimento dos corpos. Seu argumento que contesta tal hipótese é que se o tempo fosse o movimento do sol, da lua ou dos astros, se estes por acaso parassem de se movimentar, o tempo deixaria de existir ou de passar, o que é falso. Deste modo, compreendemos que o tempo não é o movimento dos astros ou de qualquer corpo, mas estes se movimentam no tempo. Por se tratar de coisas criadas, tudo o que existe foi criado no tempo, e portanto todas as coisas estão inseridas nele. Para exemplificar, Agostinho utiliza o movimento do sol (em sua época acreditava-se que o sol estava em movimento). Se o sol girasse rapidamente e fizesse seu percurso em apenas uma hora, se seu movimento fosse o tempo, para termos um dia ele teria que dar 24 voltas. Ou se o sol parasse, como na história de Josué, o tempo deixaria de existir porque o sol deixou de se movimentar, porém o tempo continuou a passar, mesmo com o sol estando imóvel. Dessa maneira, o movimento dos astros são medidos com o tempo e não são o próprio tempo. Os corpos se movimentam no tempo, e somente por isso é possível dizer que seu movimento foi longo ou breve, simples ou duplo, devagar ou depressa.

Filosofia – Questão 02

Leia estes dois trechos:

TRECHO 1

Em todas as épocas do pensamento, um dos mais fortes obstáculos à aceitação da Utilidade ou da Felicidade como critério do certo e do errado tem sido extraído da idéia de justiça.

MILL, John Stuart. *O Utilitarismo*. Tradução de Alexandre Braga Massella. São Paulo: Iluminuras, 2000. Cap. V, p. 69.

TRECHO 2

A justiça segue sendo o nome adequado para certas utilidades sociais que são muito mais importantes e, portanto, mais absolutas e imperativas do que quaisquer outras consideradas como classe (embora não mais do que outras possam sê-lo em casos particulares). Elas devem, por isso, ser protegidas, como de fato naturalmente o são, por um sentimento diferente não só em grau mas em qualidade, distinto, tanto pela natureza mais definida de seus ditames como pelo caráter mais severo de suas sanções, do sentimento mais moderado que se liga à simples idéia de promover o prazer ou a conveniência dos homens.

Ibidem, p. 94.

Com base na leitura desses dois trechos e considerando outros elementos presentes no capítulo citado da obra de Mill, **RESPONDA:**

- A) Qual é o obstáculo ao princípio de utilidade que, segundo o autor, tem sido extraído da idéia de justiça?
- B) Qual é o argumento utilizado pelo autor para enfrentar esse obstáculo e demonstrar que não há incompatibilidade entre as regras da justiça e o princípio da maior felicidade?

RESOLUÇÃO:

A) Stuart Mill, no início do capítulo 5 do *Utilitarismo*, se refere àqueles que veem uma clara contradição do princípio da maior felicidade ou da utilidade à ideia de justiça. Porém, segundo o filósofo, há um erro conceitual nesse modo de entender a justiça. Entendida como algo natural, instintivo, inerente à própria natureza das coisas, o justo e o injusto estariam na coisa ou na ação em si mesma. Dessa forma, todos os homens perceberiam imediatamente, pela própria natureza, que algo seria bom ou mal, justo ou injusto, sem haver possibilidades de opiniões diferentes, uma vez que tal justiça é retirada da coisa e não dependeria da avaliação pessoal ou subjetiva das circunstâncias. Entendida dessa forma, a justiça seria um empecilho ao princípio da maior felicidade ou da utilidade, pois este pensa nas consequências das ações e não na ação em si, incluindo aí a crítica de que a ação poderia ser por conveniência. Diferente de um pensamento por princípios, como a ética proposta por Kant, o princípio utilitarista não acredita que as coisas são justas ou injustas por si mesmas. Portanto, acreditar nessa justiça inerente às coisas seria um empecilho ao utilitarismo, uma vez que as ações teriam que obedecer tal ideia objetiva, não tendo espaço para pensar nas consequências ou na felicidade maior, que é a base do princípio utilitarista.

B) Mill entende a justiça como a ideia que acompanha um conjunto de normas e exigências morais que devem ser levadas em consideração pelos homens e que ocupam um lugar mais elevado na escala da utilidade social, ou seja, é bom para o utilitarismo que essas normas existam, pois a obediência de todos a elas, tal como à moralidade, proporcionariam o bem da coletividade dos homens. Isso significa que ao obedecer tais normas ou leis, os homens tendem a se adequar àquilo que é bom para a coletividade, o que obedece ao princípio da maior felicidade, uma vez que o que é bom para todos traria o bem maior ou a maior felicidade para o maior número de pessoas. Inclusive, ao conciliar a justiça com o utilitarismo, Stuart Mill rejeita a ideia de existirem injustiças louváveis, uma vez que é justificável que em nome de um bem maior, por exemplo, salvar uma vida, sejam realizadas algumas ações que, *a priori*, seriam injustas, como roubar um remédio. Segundo ele, não haveria uma injustiça, pois o que é injusto nos casos ordinários não o é em vista do caso particular e de maior relevância social.

Filosofia – Questão 03

Leia estes trechos:

TRECHO 1

Segundo uma concepção amplamente difundida, objetividade e neutralidade são características centrais do conhecimento científico. Opiniões, referências pessoais e suposições especulativas não têm lugar na ciência. As teorias científicas são neutras no sentido de não possuírem vínculo com ideologias, interesses pessoais ou de grupos, fatores políticos ou econômicos. O conhecimento científico é conhecimento confiável porque é neutro e provado objetivamente.

TRECHO 2

A ciência nos permitiu mandar homens à Lua, curar a tuberculose, inventar a bomba atômica, o automóvel, o avião, a televisão e inúmeros outros inventos que mudaram a natureza da nossa vida cotidiana. O método científico é geralmente reconhecido como o meio mais efetivo para descobrir e prever o comportamento do mundo natural. Nem todas as invenções científicas foram benéficas aos seres humanos – há progressos científicos que vieram a ser utilizados tanto para destruir como para melhorar a vida humana. Entretanto, seria difícil negar o sucesso das manipulações do mundo natural que a ciência tornou possíveis.

WARBURTON, Nigel. *O básico da Filosofia*. Tradução de Eduardo F. Alves
Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2008. p. 167.

Com base na leitura desses trechos e considerando outros conhecimentos sobre o assunto, **REDIJA** um texto, **argumentando a favor de** ou **contra** esta afirmativa:

A finalidade da investigação científica é a verdade pela própria verdade.

RESOLUÇÃO:

A favor: Aristóteles afirmou que os homens, por natureza, buscam o conhecimento. Dessa forma, desde os pré-socráticos, conhecidos como os primeiros cientistas, os homens buscam o conhecimento sobre o universo e sobre si mesmos. Tal conhecimento, para ser verdadeiro, deve ser objetivo, afastando o risco das opiniões e da falsidade na obtenção das verdades, pois estas devem estar de acordo com a realidade. Tal conhecimento se justifica pela simples necessidade de conhecer, o que satisfaz a natureza humana que não se contenta em simplesmente viver no mundo, mas precisa conhecê-lo. O objetivo da ciência é exatamente esse, encontrar a verdade, o que justifica, principalmente a partir do século XVI, uma das principais preocupações da filosofia e da ciência que é a questão do método. Qual é o caminho que leva à verdade? Uma vez determinado o caminho, a verdade seria encontrada pelo trabalho da razão ou da experiência, independentemente das opiniões ou subjetividade daquele que investiga. Somente através do método a busca da verdade sobre todas as coisas torna-se possível. Mesmo que haja preocupações ou intenções específicas e particulares, tais como interesses econômicos, políticos, ideológicos ou outros, tal subjetividade não determina a verdade, pois esta é fruto do pensamento orientado pelo método e nada mais. Conhecimento verdadeiro é conhecimento objetivo, que diz a realidade, e neste não há interferência de qualquer forma de particularidade ou interesses subjetivos.

Contra: É ilusório acreditar que a ciência é neutra. Conhecer a verdade, apesar de ser uma necessidade inerente ao homem, como afirmou Aristóteles, sempre traz consigo interesses legítimos ou ilegítimos. Se a ciência antiga e medieval caracterizava-se por ser uma ciência contemplativa, em que o homem não tinha grandes pretensões de dominar e manipular a natureza de acordo com interesses particulares, não se pode afirmar o mesmo da ciência moderna. Francis Bacon já afirmara nos fins do século XVI que “saber é poder”. Isso significa que o conhecimento sobre a natureza traz em si a possibilidade de dominá-la. E qual é a intenção de tal dominação? O poder sobre a natureza se torna poder sobre os homens. É inegável que hoje o poder é representado pelo conhecimento, que manipula a natureza e os homens de acordo com interesses pessoais, políticos e principalmente econômicos. Se assim não fosse, qual seria a utilidade do desenvolvimento de bombas atômicas cada vez mais potentes ou da manipulação genética de vírus ou bactérias para construção de armas biológicas? O cientista trabalha com intenções evidentemente pautadas na lógica da força e da dominação, seja política ou econômica, velada ou não. A ciência, a busca pela verdade, não é neutra, é feita por homens reais que têm interesses também reais, e que buscam a verdade não pela verdade em si mesma, mas como instrumento que atenda à interesses específicos sejam bons ou não.

Filosofia – Questão 04

Leia este trecho:

Promovem-se com urgência pesquisas para encontrar técnicas de aumentar a capacidade de mensuração dos valores sociais. Empregaríamos melhor um pouco desse esforço se tentássemos aprender – ou reaprender, talvez – a pensar com inteligência sobre a incomensurabilidade dos valores que não são mensuráveis.

WILLIAMS, Bernard. *Moral: uma introdução à ética*.

São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 150.

Com base na leitura desse trecho e considerando outros elementos presentes no texto, **EXPLIQUE** o tipo de distorção que pode resultar do pressuposto utilitarista de que todo valor pode, em última instância, ser medido e comparado, a fim de entrar em um cálculo de consequências a ser realizado pelo agente – individual ou coletivo –, no momento da ação.

RESOLUÇÃO:

Em seu texto *Moral: uma introdução à ética*, Bernard Williams desenvolve uma crítica ao utilitarismo, dizendo que este não pode ser tomado como critério de decisão das ações humanas. Segundo o filósofo, o princípio da utilidade ou da maior felicidade se baseia no cálculo matemático das ações, buscando calcular quais as ações que trariam mais felicidade (entendida como maior prazer e menor dor) diante dos casos particulares. Dessa forma, o cálculo utilitarista parte do princípio de que todos os valores podem ser calculados, e uma vez calculados a partir do princípio da maior felicidade, é possível decidir o melhor caminho a ser seguido. Williams tece sua crítica exatamente sobre a possibilidade de tal cálculo: será que todos os valores podem realmente ser medidos, calculados, mensurados? E responde: é claro que não. Valores como humildade, dignidade, lealdade, verdade não podem entrar na lógica do cálculo utilitarista, simplesmente porque não há qualquer critério de mensuração desses valores, e mais, que eles, por sua própria natureza, não admitem tal cálculo. Segundo Williams, o que faz com esses valores sociais sejam verdadeiros é exatamente a impossibilidade de medi-los, de mensurá-los. Ainda que o utilitarismo, buscando uma alternativa para tornar viável o cálculo, diga que esses valores são “irracionais” ou “rudimentares”, tais valores devem ser defendidos, resguardando aquilo que os faz diferentes, que é a sua incomensurabilidade.

Filosofia – Questão 05

Leia este trecho:

A ciência matematizada, extremamente tecnicizada, torna-se social e filosoficamente isolacionista. Ela veda o universo aos sentidos, e logo à imaginação dos leigos, quer dizer, dos homens nus, desarmados em face dos mistérios da Natureza. Renunciando a Ciência a uma imagem total intuitiva, ou realmente sensível do mundo, proclamando a insuficiência e a impotência dos sentidos para apreender o mundo ideomatemático que ela construiu, a humanidade encontra-se, pela primeira vez, na sua curva de desenvolvimento sem uma concepção cosmogônica intuitiva ou mesmo cosmológica do universo. Pode ela, no entanto, viver sem uma cosmogonia não transitoriamente proposta? Diante dessa ausência vertiginosa e sombria de formas intuitivamente inteligíveis do universo, o homem vacila. Suas mãos tateiam em vão nas trevas, e sua cabeça não se conforma ao vácuo informe.

PEDROSA, Mário. Ciência e arte, vasos comunicantes. *Mundo, homem, arte em crise*. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 73.

Nesse trecho, o autor afirma que a ciência moderna é incapaz de oferecer ao homem uma imagem intuitiva e totalizante do mundo, da qual ele não pode, contudo, abrir mão. Na sequência desse trecho, ele sustenta que a arte seria capaz de fornecer para o homem tal imagem intuitivamente acessível do mundo.

Considerando essas informações, **REDIJA** um texto **argumentando a favor de** ou **contra** a solução proposta pelo autor.

RESOLUÇÃO:

A favor: A arte, entendida como uma forma de conhecimento do universo, pode sim dar ao homem uma visão global e totalizante da realidade, fugindo portanto do restrito domínio da ciência que busca, por sua própria definição, um conhecimento específico e fragmentado da natureza. Como manifestação dos sentimentos humanos, a arte, que tal como o mito tem sua origem na imaginação humana, representa uma saída ao universo matematizado e tecnicizado, em que não se encontra um sentido maior que oriente o homem na busca de algo que não é demonstrável ou empiricamente provado, mas necessário à existência. O espírito humano busca por algo que esteja além da simples matéria, acima do conhecimento árido com pretensões de dominação e transformação fornecido pelas ciências. Há no homem um impulso ao transcendente, seja por reconhecer seus limites naturais, principalmente com a morte, seja pela impossibilidade de contentar-se com algo somente material e visível que o satisfaça de forma global. De um modo ou de outro, o homem busca algo que dê um sentido mais total à sua existência. Dessa forma, a arte, ao oferecer tal sentido, pela manifestação sensível, em suas obras, dos sentimentos e impulsos mais íntimos humanos, pode sim dar ao homem essa imagem intuitivamente acessível do mundo, reconduzindo o homem aos mistérios da própria existência.

Contra: A arte é um modo de conhecimento ou tipo de conhecimento baseado na imaginação, tal como o é o mito e a religião. Por se tratar de um conhecimento imaginativo, tanto a arte quanto o mito tratam de sentimentos subjetivos, de uma necessidade humana de explicar o mundo e o próprio homem de forma não real e na maioria das vezes ilusória. Se seguissemos uma reflexão positivista, veríamos que tanto a arte como a religião são modos de conhecimento inválidos, uma vez que, baseados em ilusões de mundo ou em especulações subjetivas, não diriam o que é a realidade em si mesma. Porém, como diz o texto, se considerarmos que o homem não pode abrir mão de uma imagem intuitiva e totalizante do mundo, sendo tal imagem uma necessidade humana, melhor seria buscá-la na religião ou no mito, uma vez que este encontra uma possível 'objetividade' na consciência e sentimentos coletivos de uma comunidade, enquanto que a arte é tão somente uma manifestação particular dos sentimentos de um homem específico, sendo então mais restrita e menos totalizante ou geral. Sendo assim, a arte como capaz de oferecer aos homens uma imagem intuitivamente acessível do mundo não atenderia às necessidades humanas, pois ela é, por definição, a manifestação dos sentimentos de homens particulares, não sendo possível que proporcione um sentido maior para uma comunidade ou grupo de homens.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

